O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 35.º — Sábado, 26 de Setembro de 1942 — N.º 1751

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

Artigo

Por falta de espaço fica para o próximo número a continuação da *História da terra aveirense* de que se tem ocupado ultimamente o nosso ilustre colaborador, dr. Alberto Souto.

OUTONO

—o—

Foi-se o Verão e entrámos na quadra em que a Natureza começa a entristecer. Daqui a pouco andamos a teritar de frio. Mas como já o ano passado foi assim, temos que nos resignar e... cara alegre.

António Henriques Máximo Júnior

A sua morte e a homenagem que lhe é devida

Em Espinho, onde residiu durante alguns anos num período difícil da sua vida e onde estava a veranear, faleceu na manhã do dia 21 do corrente, vitimado por doença do fígado e febres palustres, o nosso amigo António Henriques Máximo Júnior, que há pouco fixara, de novo, a sua residência nesta cidade de onde era natural.

Muito estimado, mesmo fora de Aveiro, pelo seu afável trato e bondoso coração, e ainda pelas suas iniciativas, pela sua inteligência e pelos seus conhecimentos técnicos de marinha mercante, António Máximo Júnior deixa verdadeira saùdade nos numerosos amigos que souberam apreciar as suas qualidades verdadeiramente invulgares de homem de acção.

Filho do velho capitão António Máximo que, com os seus navios, manteve durante longos e laboriosos anos a sua carreira de navegação à vela para as nossas ilhas adjacentes, António Máximo Júnior seguiu a tradição paterna, lançando-se por ocasião da grande guerra de 1914, afoitamente, como armador, no tráfego marítimo.

Foi notável e decisivo o impulso que deu em Aveiro à construção naval, à marinha mercante e à pesca do bacalhau. Desde então, as indústrias marítimas, até aí reduzidas à quási temerária pertinácia de dois ou três armadores, entre os quais, ao tempo, o capitalista Inácio Cunha, e lamentàvelmente indecisas no nosso meio, tomaram um rumo entusiástico e seguro de que nunca mais se desviaram e produziram o honroso aspecto que já hoje nos apresentam.

Da sua pequena emprêsa inicial de navegação à vela, António Máximo Júnior fez a Companhia Aveirense de Navegação e Pesca e organizou uma frota em que figurava um número de unidades de vela e de vapor que nenhum armador jàmais reünira na praça de Aveiro.

À sua volta juntaram-se, então, alguns dos valores de Aveiro e de Ílhavo, colaborando com êle vários dos mais arrojados e sabedores oficiais da nossa marinha mercante.

A sua actividade e o seu prestígio encheram Aveiro de animação; despertaram-se energias, desenharam-se largas perspectivas, acordaram-se vocações que haviam de impelir o meio para uma nova prosperidade marítima em que, anos atrás, ninguém pensava e ninguém podia acreditar, porque para ela nos faltava a fé, a gente adestrada e o capital indispensável.

Do ressurgimento marítimo, bem visível nas construções navais que se sucederam na Gafanha, onde êle conseguiu fixar o então esperançoso e hoje afamado mestre Manuel Maria Mónica, e nos estaleiros ocasionais do Canal da cidade e das Pirâmides, António Máximo lançou, também, as suas vistas para a economia da cidade, pròpriamente dita, onde a energia audaciosa do dr. Lourenço Peixinho então procedia a uma arrojada transformação que constituiu uma grande obra e marcou uma época na história da cidade e do município.

O momento exigia instituïções económicas locais correspondentes às novas necessidades. Eram necessárias concentrações para efeitos da ampliação do crédito e de novas operações comerciais e industriais a que as pequenas emprêsas não podiam satisfazer.

Cria-se então, em 1920, o Banco Regional de Aveiro, incorporando a Caixa Económica de Aveiro e a casa bancária de Salgueiro & Filhos, seguindo-se a Companhia Aveirense de Moagens. O novo organismo bancário apoia a organização da companhia Electro-Oceânica, que permite a nossa antecipação na iluminação eléctrica, e de outras emprêsas de fora de Aveiro como a fábrica resineira da Pampilhosa, uma fábrica de cortumes em Ovar, uma emprêsa agrícola nas areias, etc., etc.

A abertura da nova Avenida importava a necessidade da edificação de casas de habitação modernas e higiénicas. António Máximo planeia uma companhia de construções e um hotel. O projecto dêsse grande hotel, muito tempo exposto no Banco Regional e certamente destruído por inútil, deve ter sido um dos melhores trabalhos do falecido arquitecto, sr. Jaime Inácio dos Santos.

Velha aspiração do tráfego da nossa barra era a de um rebocador privativo, muitas vezes pedido aos poderes públicos, António Máximo ordena a construção do rebocador *Vouga* e, ousadamente, adquire para a sua Companhia de Navegação e Pesca um vapor de arrasto.

Prevê a transformação dos processos de pesca do bacalhau e as vantagens dos arrastões e manda estudar o problema e vai a França para realizar um grande contrato e poder orientar-se nos assuntos da nova modalidade. Mas sem uma barra segura e eficiente, Aveiro nunca poderia explorar, a fundo, as condições excepcionais que a sua posição oferece às indústrias marítimas. Era uma condição essencial para o rejuvenescimento da economia regional haver entre a ria e o mar uma comunicação que garantisse não só tôda a economia ribeirinha, mas a existência do pôrto de comércio que chegara a uma lastimosa decadência por míngua de operações e dificuldades de passagem do banco.

António Máximo anima a campanha em prol das obras da ria e barra e da criação da Junta Autónoma sem a qual o poder central nada faria.

Começa a agitação regional neste sentido. Há desconfiança e cepticismo, desenha-se, mesmo, oposição, travam-se lamentáveis lutas políticas à volta desta ideia, mas a opinião pública, definitivamente acordada para o grande plano regional de renovação da nossa actividade marítima e de melhoramento do nosso pôrto, impõe-se de tal forma que é criada a Junta Autónoma em 1921, sendo governador civil do distrito o dr. António Lúcio Vidal e presidente da República o dr. António José de Almeida.

Porém, a estrêla dêste sonhador da prosperidade regional e da grandeza de um novo Aveiro, começava a eclipsar-se. Surgiam as dificuldades e os desastres sucediam-se de tal forma que

ANTÓNIO MÁXIMO JÚNIOR

lhe era impossível resistir à onda da fatalidade.

O grande navio *Aveiro*, construído nas Pirâmides por mestre Samarrão e adquirido pela Companhia de Navegação e Pesca, conduzindo um importante carregamento da América do Norte, sob o comando do capitão Magano, perdia-se no Atlântico com tôdas as vidas.

O desgosto de Aveiro e Ílhavo são enormes; a desgraça, abala profundamente o espírito de António Máximo, a quem a infelicidade não mais abandona. O lugre *Ariel*, formidàvelmente carregado nos mares da Terra Nova, chega à nossa barra numa lindíssima tarde de novembro. António Máximo não quere que o navio entre por não haver reboque e o vento ser fraco. A multidão influe os pilotos e é dada entrada ao navio. Daí a momentos o *Ariel* dava à costa, perdido o seu govêrno ao passar a rebentação. Outro navio sossobra ao norte da Torreira. Outro perde-se nas Antilhas. O vapor de pesca não obtem êxito nos pesqueiros e nos mercados. Todos os planos do organizador se desfazem e sossobram como os barcos sob o sôpro da tempestade.

A crise da época derruba em todo o país algumas das emprêsas que mais sólidas pareciam.

Caiem o Banco Popular, o Banco Industrial, o Banco Agrícola, o Banco Colonial, inúmeras companhias, sociedades e emprêsas. Estabelece-se, por tôda a parte, a desconfiança e alastra o pânico. As emprêsas de António Máximo sentem o abalo. E' impossível ressarcir-se. Rebenta a hostilidade. A política local ateia as inimizades; aumentam as intrigas e fecham-se as possibilidades.

Pratica-se o êrro de liquidar judicialmente a Companhia Aveirense de Navegação e Pesca cujos despojos outros vão aproveitar. António Máximo perde tôda a sua fortuna e é então maltratado na sua terra por muitos daqueles a quem dera os maiores benefícios e interêsses e que tão cegamente esperavam dêle a riqueza, que lhe não perdoam a reviravolta da sorte que o lançava na miséria.

Os prejuízos são irreparáveis e excedem a capacidade financeira da organização num meio de ainda acanhada economia.

Adulado na grandeza, tão acossado foi depois pela ingratidão e pela maledicência que se refugiou em Espinho onde passou anos dolorosos, com graves crises de saúde e onde sofreu o duro golpe da morte de uma filhinha, que estremecia.

Amigos houve, porém, que nunca o abandonaram e o levaram pelo profundo conhecimento que êle tinha da indústria bacalhoeira, para classificador do bacalhau nacional, cargo em que pôde recuperar uma posição satisfatória.

Tinha ùltimamente lançado novas vistas para a actividade marítima, sendo de sua direcção, com capitais quási totalmente estranhos a Aveiro, duas emprezas navais com unidades presentemente em construção e reconstrução nos estaleiros de mestre Manuel Maria Mónica.

Quando a sorte parecia sorrir-lhe de novo, e muito havia a esperar do seu mérito e do seu amor por Aveiro, a morte veio arrebatá-lo, quebrando a energia do lutador, num golpe inesperado que deixa compungidos e estupefactos todos os que o apreciavam e estimavam.

Seguindo os seus passos e deitando mão das suas iniciativas, outros gozam a fortuna que a desgraça negou ao inteligente iniciador.

* * *

António Henriques Máximo Júnior foi também um apaixonado desportista e amador teatral, tendo escrito com muito espírito uma revista, *Alhos e Bogalhos*, que em tempos subiu à cêna no Teatro Aveirense e aqui teve grande êxito.

Revelou-se igualmente um animador entusiasta das primeiras excursões dos aveirenses a Viana do Castelo, adquirindo lá as maiores simpatias, que contribuiram grandemente para radicar a amizade entre as duas cidades.

Republicano desde muito novo, foi um dos elementos políticos mais activos de Aveiro no campo das suas convicções antes e depois do 5 de Outubro de 1910. Em 1911 fundava com Alberto Souto e Rui da Cunha e Costa o jornal *A Liberdade*. Em 1919 teve um papel primacial na organização civil da defeza republicana de Aveiro contra a rebelião monárquica do norte.

Era um entusiasta por tudo o que representasse glória, renome e progresso de Aveiro e ainda pouco antes de cair com a doença que o vitimou, o viram chorar de alegria, presenciando na Figueira da Foz o triunfo dos *Galitos* na regata internacional.

Deixa viuva a sr.ª D. Gumercinda Gaioso Máximo e quatro filhos, a sr.ª D. Ondina Gaioso Máximo Vaz, casada com o industrial do Pôrto sr. Avelino Vaz, e os srs. António, João e Mário Gaioso Máximo, estudantes da Universidade do Pôrto e do liceu de Aveiro; era irmão das sr.as D. Maria do Coração Máximo e D. Leonilde Máximo; tio dos srs. António Máximo Guimarães e Laurélio Guimarães e cunhado do engenheiro da companhia do caminho de ferro do Vale do Vouga, sr. Ricardo Gaioso.

* * *

O corpo de Antonio Máximo jaz desde terça-feira, num jazigo do cemitério central para onde veio em auto-fúnebre, acompanhando-o alguns amigos.

Chegou ao meio dia. Aguardaram-no quantos tiveram conhecimento da sua trasladação. Organizou-se o funeral civil com um único turno constituído por pessoas de família, cobrindo a urna a velha bandeira do antigo *Centro Escolar Republicano* a que pertenceu. A chave foi entregue pelo sr. dr Alberto Souto ao sr. dr. Jaime Duarte Silva que, por sua vez, a entregou ao sr. major David Rafeiro, íntimo amigo do finado. Atrás um grupo de estudantes com a bandeira do Liceu envolta em crepes, pessoas de tôdas as categorias sociais, representantes de várias colectividades, como o *Club dos Galitos, Club Mário Duarte, Sport Club Beira-Mar*, em cujas fachadas estiveram as bandeiras a meia adriça, mestres e operários do estaleiro da Gafanha, enfim quantos quizeram e puderam homenagear o prestimoso filho desta terra com a sua comparência.

Ramos de flôres com sentidas dedicatórias da Esposa, dos filhos, de António Moreira da Costa, de António Lacerda, de Mário Valente, de Eduardo Borges de Azevedo, de António Catarino da Fonseca, da Associação Académica de Espinho e de Fausto Amado e família, do Porto, ficaram a cobrir o ataude que para sempre guardará os despojos duma vida de 56 anos, bem digna de maior prolongamento, de ser isenta de espinhos, eriçada de escabrosas dificuldades. Mas o Destino...

E aqui nos quedamos, terminando por apresentar à Esposa, aos filhos, às irmãs, a todos, enfim, quantos choram, neste momento, a perda de António Máximo, a expressão do nosso íntimo sentimento, como amigos, que também fomos, e apreciadores da sua grandeza de alma, do seu bom coração, das suas excelsas virtudes.

OUTRO BARCO AFUNDADO

O lugre português *Delães*, pertencente à Sociedade Nacional de Armadores de Aveiro foi torpedeado por um submarino desconhecido, que o meteu no fundo quando regressava da pesca do bacalhau com carregamento completo de peixe. A sua tripulação, porém, composta de 52 homens, quási todos de Ílhavo, salvou-se nos *doris*.

Festas á beira-mar

Realizam-se hoje, àmanhã e segunda-feira as tradicionais romarias da Senhora da Saúde, na Costa Nova, e Senhora dos Navegantes, na Barra.

Também nos dias 3, 4 e 5 de Outubro temos, em S. Jacinto, a festa predilecta da gente do nosso bairro piscatório—a Senhora das Areias.

Haja, pois, alegria à beira-mar.

Em virtude desta página ser quási tôda dedicada à morte de António Máximo, chama-se a atenção para o que inserimos na segunda àcerca do encerramento do Arcada-Hotel e das explicações da Câmara Municipal de Aveiro.

Arquivo de jornais

O duque de Portland — o célebre aristocrata inglês — gastava, por ano, uma fabulosa quantia em assinaturas de jornais, seguindo, assim, o exemplo dado por seu pai, que coleccionava quatro exemplares de cada um dos periódicos ingleses. Êste arquivo de jornais estava instalado em quatro das suas residências: Botal, Fullerton-House, Walbechy e Barcout-House.

O encerramento do Arcada-Hotel

e a Câmara de Aveiro

Da presidência do município aveirense foi recebido nesta Redacção o que passamos a transcrever:

Aveiro, 21 de Setembro de 1942

Ex.mo Sr. Director de «O Democrata»

Aveiro

A-fim-de V. Ex.ª publicar no próximo número do seu jornal, de conformidade com a lei da imprensa, incluso envio uma «Nota» para defeza da Câmara àcêrca das afirmações feitus por V. Ex.ª no seu jornal no dia 19 do corrente.

Com os protestos de muita consideração e

A Bem da Nação

O Presidente da Câmara,

a) Francisco António Soares

A Câmara Municipal de Aveiro ao Ex.mo Director de «O Democrata»

Aveiro

Em referência à local publicada no seu jornal de 19 de Setembro de 1942 sob a epígrafe — *O Arcada-Hotel encerrou as suas portas! E agora?* — cumpre-me dizer-lhe, em defeza da Câmara de Aveiro, que há ali várias inexactidões que é necessário corrigir e rectificar para bem da verdade.

1.º) Não existe qualquer conflito entre a Câmara e o proprietário do Arcada-Hotel. Apenas, e depois de constatado que o hotel havia cessado as suas funções e encerrado as suas portas, a Câmara oficiou-lhe dizendo que, por êsse facto, cessavam todos os subsídios e mais favores que desde a fundação do hotel lhe eram concedidos pela Câmara e pela Comissão de Turismo.

2.º) Quereu-se imputar ao corte da água o encerramento do hotel é desvirtuar os factos para encobrir fins inconfessados.

Porque:

3.º) A Câmara procedeu ao corte da água, tanto no hotel como em tôdas as casas que a recebem fornecida pelo Município, *da mesma forma e pelo mesmo motivo por que se tem procedido em anos anteriores, inclusivé para o hotel*, em época de estiagem, para não faltar a água nos marcos fontenários para abastecimento do público. E fê-lo porque o caudal de água deminuiu bruscamente, e começou a estabelecer-se alarme entre o público e longas *bichas* nos fontenários.

4.º) Existe nos baixos do Arcada-Hotel uma cisterna com a capacidade muito aproximada de 8.000 litros (oito mil litros) que deve estar constantemente cheia por ser abastecida pela mesma água que abastece os fontenários, sendo-o mais fàcilmente que êstes.

5.º) No dia seguinte ao do corte da água a Câmara enviou ao Arcada-Hotel uma camioneta-tanque com água, que foi recusada pelo proprietário.

6.º) Eis a verdade, sem paixões nem ressentimentos, como cumpre a uma Câmara que só tem por lema zelar os interêsses do público, defendendo os supremos interêsses do Município.

E' o que se fez e o que se pretende fazer.

7.º) V. Ex.ª publicará, como lhe cumpre pela lei, esta *nota*, no próximo número do seu semanário, para que os seus leitores fiquem devidamente esclarecidos, e a Câmara levante a malévola insinuação que sôbre ela se quere lançar, não tencionando voltar a tratar dêste assunto na imprensa.

Aveiro, 21/9/942.

O PRESIDENTE DA CAMARA

Primeiro que tudo, permita-nos o sr. Presidente da Câmara de Aveiro que lhe manifestemos a nossa estranhesa por haver invocado a Lei de Imprensa para obter a publicação daquilo a que chama a defesa da edelidade que o tem por orientador. Não era preciso isso, porquanto a nossa lealdade nunca poderia recusar ao sr. dr. Francisco Soares o direito de dizer da sua justiça. Mas adiante. A nós só nos interessa o encerramento do Arcada-Hotel e o motivo que lhe deu origem. E a êste respeito, que se escreveu aqui? Que o sr. Aristides Ferreira tomou a resolução de fechar o seu hotel por, *sem aviso prévio, sem uma palavra que representasse consideração pela obra que tanto lhe tem custado a manter*, a Câmara lhe ter cortado a água, privando-o, assim, dum elemento de primeira, da maior necessidade. Mas vem o sr. dr. Francisco Soares dizer: *No dia seguinte ao do corte da água a Câmara enviou ao Arcada-Hotel uma camioneta-tanque com água, que foi recusada pelo proprietário*.

É verdade. Todavia cumpre nos esclarecer que se o proprietário do hotel **recusou a gentileza** alguma razão teve.

Sr. Presidente da Câmara: o *Democrata* não desvirtuou os factos para encobrir fins inconfessados — constatou-os, apenas, o que é diferente.

Aveiro está com o seu único hotel encerrado! Aveiro, turìsticamente, desceu de categoria. Isto é que é um facto que não oferece controvérsia.

"A PÉROLA DO ROSSIO"

Fernando J. Rocha — **Rua João Mendonça**

AVEIRO

E' um novo estabelecimento, situado no coração da cidade, ao lado do Banco Nacional Ultramarino

Especialidade em mercearia fina, conservas, chás, cafés e todos os géneros de primeira qualidade

IMPRENSA

Diário Popular

Saiu na terça-feira, como noticiámos, o novo vespertino da capital, de agradável apresentação gráfica e com colaboração variada, oportuna, sugestiva. Tem por director interino António Tinoco, que diz das razões da sua presença e marca a directriz do jornal, justificando o seu aparecimento.

Longa vida lhe desejamos, isenta de dificuldades, de malquerenças, de invejas para levar a cabo a missão que se impoz.

Jantar de despedida

Tendo sido promovido, vai deixar a chefia da nossa filial da Caixa Geral de Depósitos o sr. Ernesto António Correia, a quem foi oferecido um jantar, terça-feira, à noite, no *Gato Preto*, a que assistiram diversos convivas.

Ainda não se sabe quem virá preencher a vaga.

GRALHAS

O último número dêste jornal veio cheinho delas, escapadas, a maior parte, ao tiro da revisão.

As pressas nunca deram bom resultado...

Ainda os Campeonatos Ibéricos

Ainda sôbre as provas náuticas efectuadas há dois meses na Figueira da Foz, onde os nossos valorosos remadores actuaram duma forma brilhante, foi recebida no *Club dos Galitos* mais correspondência com palavras amigas, destacando-se um telegrama do nosso consul em Berlim, concebido nos seguintes termos:

Ao tomar conhecimento da vitória aveirense nas regatas internacionais, apresso-me a felicitar sinceramente todos que contribuiram para o bom nome do Sport Nacional.

a) Mário Duarte

Avaliamos a satisfação que devia ter experimentado o nosso presado amigo ao receber a agradável notícia da retumbante vitória sôbre a *équipe* espanhola. É que Mário Duarte, a-pesar-de estar longe, traz Aveiro no coração e essa circunstância fá-lo vibrar tôdas as vezes que os seus filhos a enaltecem.

Em nome dos *Galitos* e dêste rincão, a que tanto quere, daqui lhe enviamos um apertado abraço de reconhecimento.

Morte dum escultor

Finou-se a semana passada em Afife o sr. Carlos Leituga, que trabalhou com Teixeira Lopes e a quem se deve a imagem do Senhor dos Passos, que se venera na igreja de S. Domingos, desta cidade.

Pouco tempo sobreviveu ao mestre.

Cartas a uma amiga de longe

Setembro, 1942

Minha querida:

Longe de mim a ideia de classificar o grande Camilo de romancista medíocre. Camilo Castelo Branco foi não só um excelso prosador como também romancista genial. Deves estar preguntando a ti própria ao que vêm estas afirmações, quando nunca na vida o criticaste ou diminuiste. E' que acabei, agora mesmo, de ler a notícia de que hoje, em Petropolis, se realizou o casamento de D. Duarte Nuno e da princeza D. Maria Francisca de Orléans e Bragança. Por uma destas associações de idéas que não explico, lembrei-me dum livro de Camilo em que, por uma luta de famílias, ocorridà em tempos remotos, os chefes dessas casas não deixaram casar os descendentes. E por essa razão, o escritor dá à obra um sabor altamente dramático, encerrando uns personagens em conventos austeros, matando outros desastradamente. Estes livros trágicos do nosso grande romancista, tão fora da nossa época, não o diminuem, pois são marcos maravilhosos dum pensar e dum sentir distante. Como vês, não sou irreverente...

Os nossos tempos, porém, são outros e talvez porque a «vida é velocidade» já se não tomam tão a peito ódios antigos. Há tanto em que pensar, que se não pode perder tempo recordando as zangas que as nossas avós tiveram em tempos idos com as famílias dos noivos que se escolhem por amor...

Tudo passa e se harmoniza, sem serem precisos conventos austeros, nem morrer ou matar alguém. E não é só na burguesia que isto se passa.

Vê agora como findou a «guerra dos dois irmãos», que se prolongou anos e anos e que deixou ensangüentadas as páginas da História de Portugal.

Quem diria nesses tempos distantes da guerra civil, que o neto de D. Miguel, D. Duarte Nuno, casaria, em nossos dias, com a bisneta de D. Pedro IV? Os avós inimigos, ódio que levou o país inteiro para a luta e dividiu o povo e os netos, no fim de anos de esquecimento, casam mui tranqüilamente na catedral de Petropolis, casamento que vai unir a Casa do Brasil o Chefe da Casa de Portugal. Todos os jornais têm comentado e dado grande relêvo a êste enlace e dizem tratar-se dum acontecimento nacional e histórico. Os que têm intuição previsível do futuro e uma ampla visão do mundo de àmanhã, devem ver, talvez, neste casamento coisas que a mim me escapam.

Nós vemos apenas mais um laço que liga Portugal e Brasil e o nosso grande Camilo não teria, se esta reconciliação fôsse em seus dias, tema para novo romance trágico.

Um abraço da

Zèmi

Nomeação

Acaba de ser nomeado chefe da 1.ª Secção da Repartição dos Serviços de Saúde do Comando Militar de S. Miguel (Açores) o tenente-médico sr. dr. Vitorino Cardoso, que para aquêle arquipelago seguiu com o contingente de Infantaria 10.

Felicitâmo-lo.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr. D. Maria Helena Lebre Canelas, dilecta filha do sr. dr. Roberto Canelas, advogado em Cantanhede, e o professor Lutário Casimiro da Silva, residente no Couto do Mosteiro (Santa Comba Dão); àmanhã, a menina Carmen Honorina Ferreira de Sousa, filha do sr. Reinaldo Neto de Sousa, escrivão de Direito em Penafiel; no dia 28, o sr. João Pinto de Barros Miranda; em 30, a sr.ª D. Dília Ferreira da Fonseca e a inocente Maria do Amparo, filhas respectivamente, dos srs. António da Fonseca e Alberto de Oliveira Carvalho, gerente da filial da Companhia Indústrial de Portugal e Colónias; em 1 de Outubro, o sr. alferes Pompeu M. de Pinho, director da Cadeia Central de Nova Gôa (India Portugal) e em 2, as sr.as D. Maria José Vieira Cardoso Gamelas, dilecta e inteligente filha do nosso amigo dr. José Vieira Gamelas, hábil clínico local e D. Isabel Mateus Ferreira Wenceslau, esposa do sr. tenente Francisco António Wenceslau, actualmente em Chaves; o estudante Manuel Joaquim Pinto, filho do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5, e os srs. Manes Nogueira Júnior e Silvio de Sousa Moreira, ausente na Beira (África Oriental).

Partidas e Chegadas

Está em Aveiro a passar alguns dias com sua esposa, o nosso conterraneo e muito presado amigo, José de Sousa Lopes, a quem abraçamos.

Doentes

Desde o princípio da semana que se vêm acentuando as melhoras do estudante de Direito, Alvaro Neves, o que é motivo de satisfação não só para sua família, mas também para quantos, como nós, se têm interessado pela marcha da doença que o fez recolher à cama.

Muito estimamos, pois, que num curto espaço de tempo recupere a saúde, a-fim-de continuar os seus estudos na velha Universidade de Coimbra.

—Também esteve um pouco encomodada, mas já se encontra melhor, a sr.ª D. Maria Augusta de Quadros Oudinot Almeida, o que nos apraz registar.

—Em Nelas encontra-se bastante doente o acreditado farmaceutico e nosso antigo condiscipulo, Evaristo Faure, o que deveras sentimos.

A Rainha não fumava, mas...

Segundo notícias dum jornal da época, nas contas da rainha Victória da Inglaterra, figurava como verba importante... os charutos.

Não porque a *graciosa soberana* fumasse, mas porque era uma das mais freqüentes ofertas que ela fazia aos elevados personagens da côrte de Windsor.

E não eram nada baratos êsses charutos. Puros havanos, eram fabricados especialmente e enviados à Raínha, indo cada um metido num tubo de vidro. Na própria ilha de Cuba, cada um dêstes charutos custavam então um *pêso*, e com os tubos, caixas e outras ornamentações ficavam na Inglaterra por quási meia libra.

A FEIRA DAS CEBOLAS

Continua abundantíssimo desta hortaliça o mercado anual do Rossio, aonde chegam constantemente barcos carregados, vindos do Bunheiro e lugares próximos.

Devido à fartura o seu preço não é exagerado.

Valha-nos isso.

ELEIÇÕES DE DEPUTADOS

Pelo Govêrno foi fixado o dia 1 de Novembro para a sua realização no continente, ilhas e colónias portuguesas.

O número dos candidatos será de 90.

O novo mercado

Vão muito adiantados os trabalhos de construção, mas, pelo visto, ainda não é êste ano que se inaugura.

O Govêrno concedeu uma verba de 40 contos para os arruamentos em volta.

O TEMPO

Começou a refrescar com a entrada no Outono. Como se trata dum costume antigo, não admira.

Carta de Lisboa

O 9.º aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional

Passou há dias mais um aniversário, o 9.º, do Estatuto do Trabalho Nacional.

Olhando-se o caminho percorrido nesta quási dezena de anos, verifica-se fàcilmente que tudo que se tem feito, em matéria corporativa, é obra ou conseqüência imediata daquele importante e fundamental diploma.

Com razão ainda hoje se pode repetir o que há mais dum lustro já foi afirmado por um homem público do Estado Novo:

«Da meia centena de artigos que contém o Estatuto nenhum, até hoje, teve de ser revogado ou alterado, nenhum caiu em desuso ou esquecimento; desde o enquadramento dos indivíduos, da Nação e do Estado na ordem económica e social, à posição dentro dela da propriedade, do capital e do trabalho; desde a organização profissional abrangendo o domínio económico e o exercício das profissões livres e das artes até à realização progressiva da previdência e ao conceito duma justiça do trabalho norteada pela equidade indispensável à paz social—tôdas as matérias têm sido postas em acção, transcendendo o domínio da doutrina para se traduzirem em realidades perduráveis. O mesmo se observa, sem esfôrço, em relação aos diplomas complementares, de 23 de Setembro de 1933, e a todos os posteriormente publicados, que todos não são mais, afinal, do que irradiações do programa central enunciado no Estatuto—ponto de partida de tôda a doutrina corporativa».

Misericórdia de Lisboa

Foi recebida com geral aplauso a reorganização dos Serviços da Santa Casa da Misericórdia, de Lisboa, agora feita pelo sr. Sub-Secretário de Estado da Assistência.

Como muito bem se sublinha no relatório do importante decreto que à Misericórdia de Lisboa, «verdadeira instituição de assistência social corporativa que, à luz dos critérios dum século, atingiu a finalidade dos mais aperfeiçoados serviços sociais dos nossos dias». Reintegrar, pois, a benemérita instituição na sua origem embora não deixando nunca de ter em vista a mudança dos tempos, é tarefa de todo o ponto meritória e digna do maior aplauso e elogio.

E' essa obra que o decreto a que nos vimos referindo se propõe realizar.

Bem haja, por isso, porque de há muito, efectivamente, a nossa primeira Misericórdia estava clamando necessária e urgente reforma.

Assim, o exemplo da Santa Casa de Lisboa frutifique e realize, em tôdas as misericórdias do país, aquela obra de renovação que se torna urgente e necessária.

Melhoramentos rurais

Foi já tornado público que durante o ano de 1943 serão empregados em trabalhos rurais, em todo o país, 24.000 contos. Por tão avultada verba se pode fazer ideia não só da importância dos trabalhos realizados, mas também do muito que êstes iriam beneficiar os nossos trabalhadores rurais empregados na efectivação dos mesmos.

CORDEIRO GOMES

Concêrto musical

Na quarta-feira coube a vez de executar o seu reportório no largo do Rossio à *Banda Amizade*.

Noite outonal, luarenta, agradável. Só o cheiro a cebola e a alho é que não se coadunava lá muito bem com a harmonia do conjunto.

Mas como a feira dêsses artigos culinários está quási no fim,...

Bilhete da Praia

Costa Nova, 22

Estamos chegados à festa da Senhora da Saúde — romaria cheia de movimento, de animação, de colorido, de beleza, de frescura... Costuma vir muita gente de fora. Há descantes, que se prolongam, de ordinário, até à madrugada, sempre num ritmo de alegria capaz de fazer vibrar tôdas as cordassensíveis do género humano... Há música, há foguetes, há luminarias. E nas margens da ria como à beira-mar...

Faço aqui ponto final.

A triste notícia da morte de António Máximo, que acaba de me ser dadà, perturbou-me. António Máximo foi um amigo meu e desta praia que ambos frequentámos em tempos já distantes, divertindo-nos e divertindo os seus *habitués*. É mais um que desaparece dos poucos que ainda existem, mais um que deixa fundas saüdades e a quem a Costa Nova teve, também, por sincero admirador das belezas que a envolvem.

Com quanta mágoa termino êstes bilhetes para o ir acompanhar, dizer-lhe o último adeus!

Mas não quero faltar e, por isso, me despeço dos leitores—até ao ano?

Sabe-se lá! O mundo dá tanta volta e andamos nele tão iludidos...

JOÃO DO CAIS

Albergue de Mendicidade

TRANSPORTE . .	2.319$00
José da Maia Romão Machado	2$00
António Simões Neto Júnior, marnoto	2$00
D. Maria da Luz Caitana. .	1$50
António de Almeida Modesto, emp.º comercial	2$50
Júlio da Cruz Ferreira, func.º público	5$00
António da Cruz Morais, 1.º sargento de marinha . .	5$00
Jaime Gonçalves Andias, comerciante	3$00
Francisco Dias Sousa, marnoto	3$00
Pompeu de Melo Figueiredo, comerciante	5$00
Porfírio Simões Machado, proprietário	1$00
Rolando Correia, Industrial .	1$50
D. Maria Lucília de Oliveira Leitório	1$00
António Manuel da Silva. .	5$00
Florentino Nunes da Maia, emp.º comercial	5$00
Manuel Fernandes Tavares, comerciante	5$00
Armando Dias Coímbra, professor do Liceu	3$00
D. Júlia da Cruz Naia . .	1$00
José Maria Gonçalves do Padre, marnoto.	1$00
Benjamim Maia, distribuidor dos Correios.	2$50
Domingos Simões Neto, marnoto	2$00
António de Almeida, carteiro	1$00
Joaquim de Almeida Marcos, emp.º comercial	2$50
Domingos Ferreira da Maia, marnoto	1$00
João da Naia Sardo, guarda da P. S. P.	2$50
Manuel da Silva Cravo, marnoto	1$00
D. Maria da Apresentação dos Reis	1$00
João Mateus Júnior, marnoto	1$50
Manuel da Silva Lopes, marnoto	1$00
Manuel Réca, marnoto. . .	1$50
Francisco Rodrigues Limas, carpinteiro	1$00
Guilherme Augusto de Sousa Pinto, picheleiro. . . .	2$50
A TRANSPORTAR.	2.390$50

Outro comêta

Anuncia um sábio de Santiago do Chile que nos primeiros dias de 1943 aparecerá um novo comêta, cujas dimensões excederão o de Halley, há anos observado.

Vamos a vêr.

NECROLOGIA

Faleceram: nesta cidade, Rosalina Rosa São Braz, de 68 anos, casada com Manuel dos Santos Calisto Novo; na *Quinta do Picado*, Margarida de Jesus Vicente, viuva, de 77; na *Preza*, José Aleixo dos Santos, casado de 75 e em *Vilar*, Ana Gonçalves Rei, solteira, de 75 e irmã do nosso assinante sr. António Gonçalves Rei, a quem apresentamos condolências.

Á MARGEM DA GUERRA

Um caça minas inglês e nêle um soldado, junto das suas metralhadoras, olha, sorridente, a aviação inimiga que se aproxima

Associação Aveirense de Socorros Mútuos das Classes Laboriosas

Séde—Rua 31 de Janeiro—Aveiro

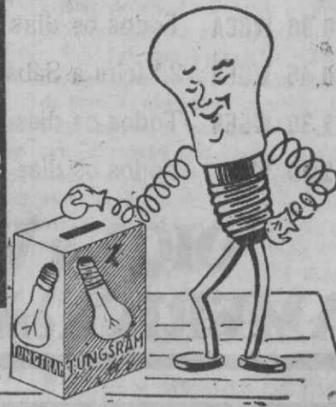
Concurso

A Direcção faz público que novamente se acha aberto concurso, por provas documentais e pelo espaço de 30 dias a contar da data da publicação dêste, para o provimento de um lugar de médico privativo desta Associação.

As novas condições acham-se patentes todos os dias úteis, das 21 ás 22 horas.

Aveiro, 26 de Setembro de 1942.

A DIRECÇÃO

Visitai o Parque da Cidade

Doenças dos olhos

Encontram-se suspensas, até meados de Outubro, as consultas que, aos sábados, vêm dar ao nosso Hospital os srs. drs. Abílio Justiça e Cunha Vaz, médicos especialisados em doenças dos olhos, com consultório em Coimbra, o que se leva ao conhecimento dos interessados.

Oportunamente designamos a data em que os distintos clínicos retomarão as consultas nesta cidade.

Manta preta

de mulher, achou-se na Avenida, entregando-se a quem provar pertencer-lhe.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
5,58 (recov.)	11,15 (»)
6,37 (tram.)	15,41 (tram.)
11,10 (tram.)	19,34 (rápido) [1]
13,23 (rápido) [1]	21,52 (recov.)
17,24 (tram.)	Do Porto chegam tram. ás 8,08 e 21,07 que não seguem.
20,40 (»)	

(1) Ás terças, quintas e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,56	10,31
13,35 (1)	12,42 (1)
16,14	19,11
19,42 (2)	23

(1) A's terças, quintas e sábados.
(2) Só até à Sernada.

«O Democrata»

ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	20$00
Semestre . . .	10$00
Colónias (Ano) .	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$40

Os recibos, cobrados pelo correio, são acrescidos de mais 1$00

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

Correspondências

Oliveirinha, 19

Realizou-se, como noticiámos, a festividade á Senhora dos Remédios, que constou, no domingo, de missa cantada e procissão, que percorreu o itenerário do costume.

A' noite, no largo da igreja, vistosamente ornamentado e iluminado, tocaram as músicas de S. João de Loure e Fermentelos, queimando-se, nos intervalos, algum fôgo de artificio, que o nevoeiro prejudicou.

—Faleceu a sr.ª Helena Diniz, mais conhecida pela *Cachilra*. Esteve na América muito tempo em companhia do marido de quem actualmente se encontrava separada.

Contava 65 anos, e no seu entêrro, com grande acompanhamento, porque era muito conhecida e estimada na freguesia, encorporou-se a música de S. João de Loure, que até ao cemitério executou uma marcha fúnebre.

Pêsames aos doridos.

C.

Esgueira, 25

Decorreram com brilho as festas à Senhora do Rosário. Na noitada de sábado as duas bandas de música confirmaram os créditos de que vinham precedidas e o fogo de artifício foi abundante e do melhor que aqui se tem visto.

Enfim: já há muitos anos que a nossa festa não tinha tanto esplendor, estando, por isso, de parabens a comissão organizadora.

—De visita estiveram cá os nossos amigos José Marques da Loura, Luciano de Oliveira e José Fernandes de Abreu, residentes na capital, e Manuel Maia Júnior, empregado nas Finanças em Ancião.

—Veio do Hospital dessa cidade, onde esteve doente, o nosso amigo sr. Jorge Marques, que se encontra em via de restabelecimento.

Estimamos.

C.

Atenção para a 4.ª página

Na Zona Soviética Ocupada

E' hoje geralmente conhecido que o Govêrno soviético pôs em acção, há uns anos para cá, com grande energia, a militarização e levantamento do seu país. Pode-se, mesmo colher uma expressão viva da intensidade destas preparações prévias para a guerra e da sua acção incisiva exercida sôbre tôda a vida privada do cidadão soviético, na sua origem. Assim, nas habitações mal construídas dos trabalhadores e operários soviéticos, e também nas mais pobres cabanas dos camponeses, encontram-se, com uma freqüência surpreendente, livros e folhetos de propaganda—impressos no papel mais ordinário que se possa imaginar. Na maioria das vezes os seus textos muito subtis e com numerosos desenhos, tratam preponderantemente da preparação pré-militar, da instrução militar, da técnica e seus progressos. Era especialmente freqüente terem como assunto a aviação e a aplicação da técnica referente a questões especiais da orientação da guerra.

As bibliotecas de aldeia, que não faltam em parte nenhuma, mesmo que a maior parte dos camponeses não saibam lêr, estão cheias disto.

Evidentemente que os impressos de propaganda comunista (êstes quási sempre com uma tendência contra a Europa), ocupam-lhes a maior parte do espaço. Nessa propaganda, os Estados europeus são apresentados como corruptos e em decadência, e em côres deslumbrantes é-lhes, depois, pintado o paraíso soviético. Afinal um completo contraste em relação à verdade. Pròpriamente da Europa, porém, a população soviética nada sabe; vivem na crença de que lá tudo é ainda muito pior.

O sentimento de superioridade sôbre a Europa, é, como se sabe, largamente propagado pela exaltação soviética. Os numerosos aparelhos de rádio que encontramos até mesmo nas aldeias mais distantes, fazem criar ao exagêro, esta exaltação prejudicial. Não eram mais do que um meio de que Moscovo se servia para dominar as massas. O rápido curso da sua derrota no verão passado e a inerente desorganização da administração soviética, trouxe—o vitorioso e seus aliados—à população das regiões ocupadas um estado psicológico inteiramente novo. Com a quebra do regime, que tinha penetrado profundamente em cada pormenor da vida familiar, resultou, pela primeira vez, um vácuo psíquico.

E em muitos locais despertou novamente a vida religiosa. Os fragmentos da antiga cultura popular já meio esquecidos, juntamente com as suas festas ligadas às Estações do Ano, as suas canções populares, quási tudo isto proïbido sob o regime soviético, surgiram de novo.

Agora, mercê da vitória, há um esfôrço para que a população construa uma existência orientada segundo as normas europeias. Como primeiro exemplo disto, podemos citar a nova Reforma Agrária, que procurou transformar, progressivamente, os trabalhadores rurais de Kolochose em camponeses autónomos.

Os artífices foram, agora, chamados para o serviço de fábricas ou transformados em empregados dos postos de reparação das estradas, de tractores, etc. Foi permitido e requerido o funcionamento autónomo de oficinas e de novas escolas de artífices para a formação duma nova geração. E foram trazidos utensílios de trabalho manual, vindos do Reich para a Ucrânia e para a Ruténia Branca.

Assim, passo a passo, são construidas novas bases, sôbre as quais se pode desenvolver e progredir, na Ucrânia e na Ruténia Branca uma vida popular e sã. Por tôda a parte se pensa, a-par das necessidades imperiosas da guerra, substituir gradualmente as formas de vida soviética por outras, que melhor se adaptem aos desejos da população.

JOÃO DA C. REYNALDO

Dogmas espirituais

— o —

Numa conferência feita pelo professor de dogmática católica, na Universidade de Túbingem, Dr. Kart Adan, autor do conhecido livro A *essência do catolicismo*, realizada em Aqüisgrama e que versou sôbre o tema *A posição espiritual do catolicismo alemão*, disse, entre outras coisas, o seguinte:

«Encontramo-nos num campo espiritual que não pode ser designado mais incisiva e nitidamente do que chamando-o «Weltansehauung» (Concepção Mundial). Não é qualquer coisa que apenas revista a nossa natureza cristã, de forma que seja esta o que é substancial, permanente e imanente, mas sim o contrário:—o que é substancial, permanente e imanente é a nossa «natura germânica», e o sermos cristãos é que vem depois, como especial dádiva de Deus.

«Juntamente com a fé política há uma certa crença, não menos profunda e não menos forte, no nosso povo—a fé cristã. Onde é que esta fé é mais evidente do que no clero cristão? O respeito que o povo demonstra pelo padre e o apreço pelo clero na opinião pública, dependem do valor religioso e da igreja que o defende. Cada vez mais o padre tem menos possibilidade de exercer a actividade política, a qual, de resto, se encontra fora da sua esfera de acção. A actividade cientifica e literária do clero, ao contrário, continúa a ser apreciada. Desta forma, o padre exerce, com o seu poder espiritual, uma profunda influência na vida do povo. A sua acção exerce-se em íntimo contacto com todos os elementos do povo.

«E' sobretudo pelo exemplo duma vida pessoal e familiar de acôrdo com o ideal cristão, que o padre exerce uma profunda influência sôbre aqueles com quem se mantem em contacto, mesmo até sôbre aqueles que se alheiam da igreja. O páraco católico, na Alemanha, é um sacerdote que, segundo as disposições de direito eclesiástico, é investido numa paróquia, isto é, um distrito de uma diocese. Todos os ofícios litúrgicos realizados dentro da paróquia são por êle desempenhados, bem como zelará pela realização dos mesmos de acôrdo com as normas da igreja. Entre êsses ofícios litúrgicos podem citar-se: os batismos, as exéquias, a assistência nos casamentos, as bençãos e a realização de procissões fóra da igreja.»

Terminando, o célebre professor Dr. Karl Adam ilucida, dando especial relêvo a esta frase: "Na Alemanha, em 49 bispados e cêaca de 17.500 comunidades católicas, há cêrca de 35 mil clérigos católicos.»

DIAS DA COSTA